

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO E SECRETARIA DA CULTURA APRESENTAM

Notas
de **biblioteca 8**

GIBITECA



As histórias em quadrinhos,

popularmente conhecidas como gibis no Brasil, são o primeiro contato com a leitura para milhões de pessoas. Seja por meio das revistinhas compradas em bancas ou das tirinhas publicadas em jornais, os quadrinhos encantam por sua maneira toda particular de contar histórias. Os desenhos sucessivos – que podem ou não vir acompanhados de textos – indicam a ação, mas não entregam tudo. Para ler gibis é preciso muita imaginação. E é desse estímulo contínuo do papel para o pensamento que as HQs vêm ajudando a formar gerações de leitores, que eventualmente buscarão também os livros.

Por isso, a existência de espaços dedicados às histórias em quadrinhos nas bibliotecas públicas é cada vez mais frequente e desejável. As gibitecas têm se tornado espaços importantes para atrair e acolher uma grande diversidade de pessoas: aquelas que ainda não entraram definitivamente no mundo dos livros, mas gostam de ler quadrinhos; aquelas que já leem, mas continuam tendo uma predileção pela linguagem das HQs, um mundo variado e cada vez mais sofisticado; ou aqueles que ainda não leem, mas se sentem mais à vontade num ambiente de gibis do que de livros.

Este é o tema central do Caderno Notas de Biblioteca 8. Produzido pela Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo para o Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas (SisEB), o presente volume tem o objetivo de subsidiar os profissionais de bibliotecas públicas com relação ao tema, ajudando-os a reciclar conhecimentos e elaborar projetos próprios. Nosso desejo é que todos possam encontrar informações úteis e inspiradoras neste livro.

Boa leitura!

Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo



O tema do Caderno Notas de Bibliotecas 8

é decorrente do projeto especial do Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas (SisEB) desenvolvido de forma piloto na Biblioteca de São Paulo (BSP). Em 2013, tivemos um olhar especial para a coleção de gibis existente desde a inauguração da BSP. De um lado, pensamos em como aprimorar o tratamento desse material, seu armazenamento, sua sinalização no espaço e, por outro, como ampliar o alcance dessa coleção junto ao público frequentador da biblioteca. O que poderíamos fazer para chamar a atenção de nossos sócios? Como mediar leitura em quadrinhos com todos os segmentos da comunidade? O projeto foi concluído no decorrer desse ano e seus resultados foram apresentados em uma oficina para os profissionais do SisEB em dezembro de 2014.

Porém, entendemos que era necessário discutir um pouco mais sobre a mediação de leitura de quadrinhos, afinal essa era a principal intenção do projeto. Resolvemos então preparar este Caderno baseado na publicação de 2010 intitulada *El comic invitado a la biblioteca pública*, elaborada pelo Centro Regional para el Formento del Libro en América Latina y el Caribe (CERLALC). Nessa obra estão dois capítulos escritos por Gonzalo Oyarzún e Vicente Funes, cujos direitos de reprodução e publicação foram cedidos, sendo traduzidos para compor o nosso material.]

Em paralelo à preparação dos textos, tivemos uma mesa-redonda dedicada às questões de mediação de leitura com quadrinhos durante o 7º Seminário Internacional de Bibliotecas Vivas, ocorrido em novembro de 2014, que contou com a participação de Gonzalo Oyarzún e Patrícia Kátia da Costa Pina, e moderação de Waldomiro Vergueiro. As discussões foram

excelentes e decidimos por incorporar também nesta edição o relato apresentado por Patrícia Pina, que trata da mediação da leitura na escola.

Como você pode perceber, essa publicação foi preparada para instigar os profissionais a trabalhar com quadrinhos, citando também algumas ações realizadas nas bibliotecas do SisEB. Acreditamos que a leitura atenta aos textos auxiliará os profissionais a iniciar ou aprimorar as atividades que podem ser desenvolvidas utilizando as coleções de quadrinhos. O importante é colocar essa pauta na biblioteca. Criar espaços, fazer parcerias, armanezar de maneira atrativa o material, utilizando sempre a criatividade e buscando atrair cada vez mais novos leitores.

Continuamos com a certeza que o fortalecimento do SisEB passa pela qualificação de suas equipes. Entendemos que o presente Caderno soma-se às oportunidades de capacitação que vêm sendo oferecidas ao longo do ano – cursos, oficinas, palestras, eventos –, mas para que prossigam tendo êxito necessitam que você continue atendendo ao nosso convite.

Boa leitura a todos!

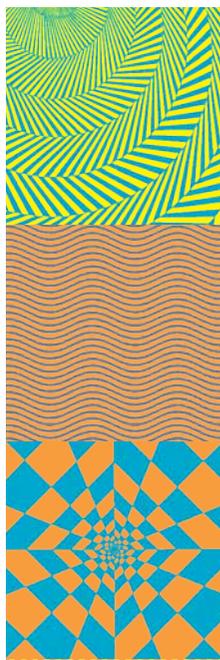
Adriana Cybele Ferrari

Coordenadora da Unidade de Bibliotecas e Leitura

Organização de uma coleção de quadrinhos e gestão do espaço físico

**Vicente
Funes**

O presente capítulo aborda a organização de um serviço de gibiteca e a relação da distribuição dos espaços e as coleções.



Com uma concepção eminentemente prática se avaliam as vantagens e inconvenientes de diferentes modelos com o objetivo de otimizar superfícies e equipamentos para que cada centro, segundo suas características, decida qual é a solução que melhor se adapta a suas possibilidades. Variáveis como orçamento, espaço disponível, mobiliário, tamanho da coleção ou a receptividade tanto do pessoal da biblioteca como dos usuários potenciais do serviço serão importantes na hora de decidir entre umas opções ou outras. Mas, em qualquer caso, seja qual for a alternativa adotada, a proposta deve ser entendida como um conjunto de medidas que aspiram a projetar a gibiteca como uma nova linha de agitação cultural na biblioteca, que envolva leitores, criadores e, inclusive, editores como aliados do serviço.

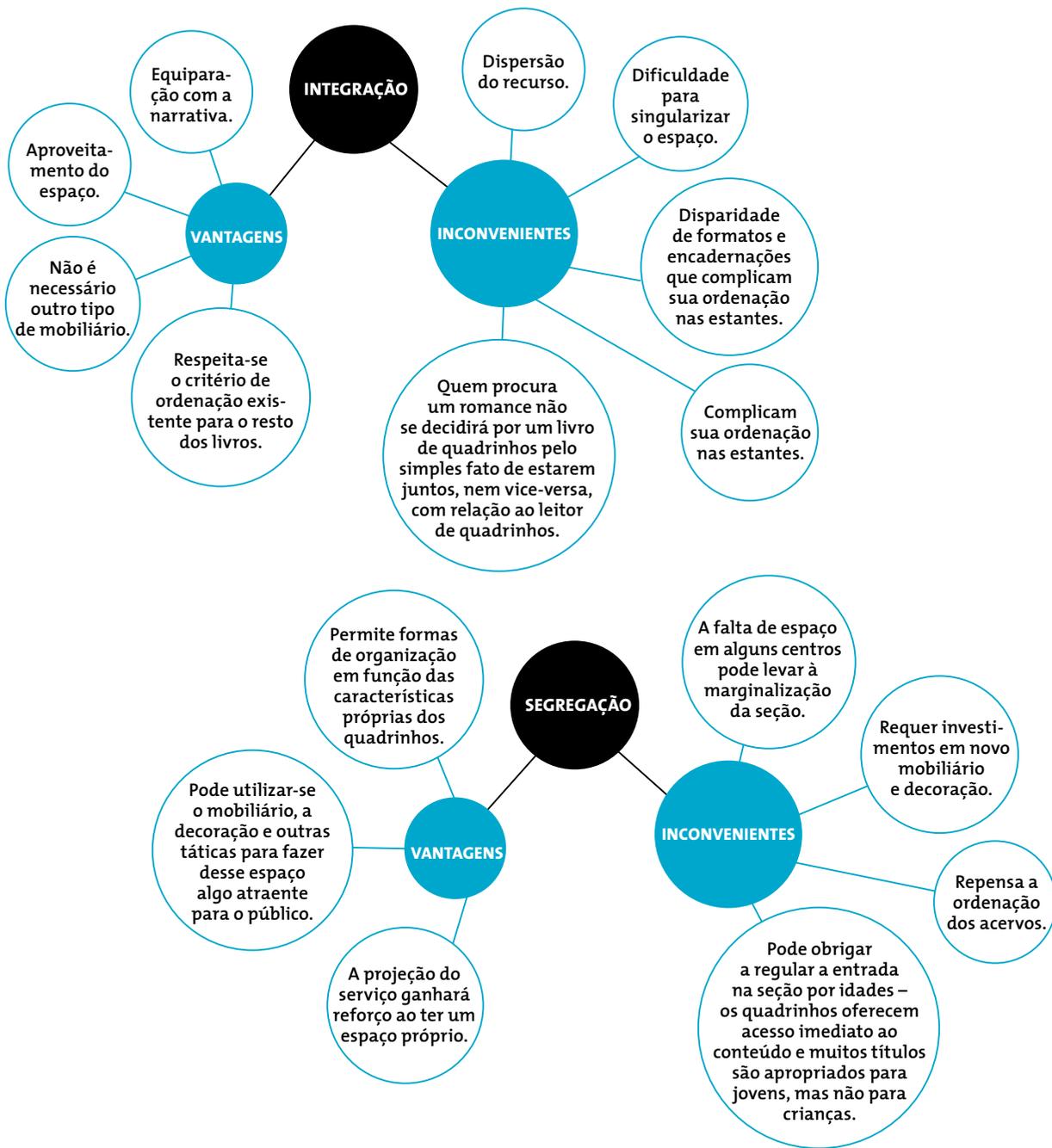
ADEQUAÇÃO DO ESPAÇO

A LOCALIZAÇÃO

Partindo do fato de que os quadinhos sempre estiveram presentes em maior ou menor medida nas coleções das bibliotecas, a decisão de potencializar esse tipo de acervos nos leva a perguntar de que forma vamos apresentá-los para conseguir os objetivos propostos.

Neste sentido, apresentam-se duas opções: a integração com as monografias na seção de narrativa, ou, pelo contrário, distinguir um espaço próprio com características e organização conformes a suas peculiaridades. A este respeito, cabe enumerar alguns prós e contras que se colocam se optamos pela integração – um modelo próprio do conceito de biblioteca integrada (Domínguez, 1996, p. 123) –, ou pela segregação – um modelo em princípio afim ao conceito de biblioteca tradicional, mas que requer uma série de matizações que o afastam de qualquer conservadorismo que esse modelo pudesse acarretar. Atendendo outros aspectos relativos à organização das coleções, se nos remetemos à ideia de biblioteca tripartite que defende Domínguez (1996), a gibiteca deve situar-se no denominado ‘setor próximo’, ou seja, aquele em que

a oferta de acervos [...] tenta despertar a curiosidade do usuário, e a organização [...] tenta responder à demanda e interesses do usuário de forma fácil e prática [...] os acervos não são apresentados em estantes segundo o modelo tradicional, mas sim colocados em diferentes tipos de expositores (Domínguez, 1996, p. 124).



BPM de Araraquara/SP
Realiza trocas de gibis entre os
frequentadores da biblioteca.



Seguindo essa colocação, é oportuno incidir no caráter da gibiteca como área de navegação ou zona para folhear e ser curioso. Esse conceito anglo-saxão, diretamente adotado de práticas comerciais, é reforçado no caso dos quadrinhos pelo grande impacto visual que proporcionam enquanto objeto estético. Grande parte do atrativo e da maneira em que se dispõe a área para fisgar a atenção dos usuários provém do fato antes mencionado

de que o quadrinho é o documento que permite um acesso mais direto a seus conteúdos. Uma vez captada a atenção pelo atrativo das capas, o desejo de folheá-lo será muito maior que em outro tipo de materiais.

Segundo o criador do conceito de “biblioteca tripartite”, Heinz Edmunds, dá-se um terceiro interesse, vago e indefinido, em quem vai a uma biblioteca e não procura um tema concreto, um título ou um autor. Essa indefinição ou falta de interesse formativo ou específico *a priori* pode concorrer com maior incidência no caso dos quadrinhos e jogar a seu favor. Partindo da premissa de que todo mundo tem uma ideia sobre o que são os quadrinhos, o gibi ou a tira, e isso não implica em nenhum caso um conhe-

cimento real deles, ter quadrinhos em nossas coleções facilita que esse terceiro interesse se manifeste de maneira espontânea. Neste sentido, é aconselhável a proximidade com a seção dedicada aos materiais audiovisuais, de maneira que se associe subliminarmente à oferta de documentos baseados na imagem; isso pode ajudar a capitalizar esse terceiro interesse do usuário e a fisgá-lo em favor da nova seção.

DISTRIBUIÇÃO

As considerações em torno da distribuição de espaços são marcadas pela própria idiosincrasia dos acervos. Sobre o grosso da coleção, ou seja os próprios quadrinhos, colocam-se propostas de organização nos próximos itens; mas há questões que se integram diretamente com a racionalização do espaço no caso de separar os acervos, e que atuam como complementos que enriquecem a seção:

Espaço para ler: muitos títulos permitem uma leitura rápida, e, portanto, alguns usuários preferirão lê-los diretamente no centro, sem retirá-los em empréstimo para domicílio, pelo que é importante contar com um espaço para que possam fazê-lo. Um ambiente agradável incitará o prazer

da leitura e nos permitirá colocar em prática algumas das soluções decorativas que ajudem a dotar de personalidade própria o lugar: desde assentos ou almofadas com estampados de quadrinhos, até estantes para mostrar páginas abertas de algum título clássico de grande formato, passando por painéis com exposições temporárias de quadros ou ilustrações que podem ser obtidas sem nenhum custo graças à propostas como as que são tratadas no último item dedicado à possíveis valores agregados.

Seção para revistas de (e sobre) Quadrinhos: as revistas foram um formato predominante nos anos 1980 e um espaço propício para o salto qualitativo da nona arte para um discurso mais adulto. Apesar de seu retrocesso como meio para a publicação de quadrinhos na atualidade, não deixam de ser o âmbito onde se dão a conhecer muitos jovens autores e o espaço para o debate e a pesquisa. Apesar de que o empréstimo ou não desse material dependerá das políticas de cada centro, convém dispor dos cabeçalhos mais significativos que sejam publicados no âmbito mais próximo. De novo se coloca a dicotomia quanto à

integração ou separação, e neste caso, ainda que a proximidade da própria coleção fosse o ideal, algumas bibliotecas com serviços de gibiteca – ante a necessidade de um novo tipo de mobiliário – optam por integrá-las à hemeroteca, o que inicialmente não ajuda muito a promovê-las entre seu público mais próximo.

Zona polivalente: neste ponto se retoma a ideia da gibiteca como uma nova linha de agitação cultural, mas agora do prisma do aproveitamento do espaço. Atividades como conferências, apresentações de títulos, projeções de adaptações cinematográficas ou clubes de leitura precisarão na maioria das vezes dos salões de atos, auditórios ou locais de que disponha, ou que o centro tenha acesso, para desenvolver suas atividades. Mas outras ações, como oficinas, sessões de autógrafos com autores ou cursos sobre quadrinhos podem perfeitamente se desenvolver conforme a orientação da seção, e para isso é conveniente que o espaço circundante possa ser polivalente, permitindo em um dado momento a reestruturação para atuações pontuais. Dessa maneira, rompe-se a ideia de uma simples oferta de títulos para

converter o serviço em ponto neurálgico do *hobby* local e em centro de acolhida para tudo o que tenha a ver com a criação e o desenvolvimento da arte sequencial. Por exemplo, aproveitando os laços que os quadrinhos estabelecem com a cultura urbana e *underground*, poder-se-ia patrocinar a elaboração de um fanzine para promover a própria biblioteca e o grupo de autores locais. Abrigar nas instalações a equipe de redação e seus colaboradores, da maneira que algumas bibliotecas nórdicas dispõem de locais de ensaio para bandas de música, seria outra opção que contemporiza sua oferta. Com esse tipo de soluções, a biblioteca impulsiona o novo serviço, mas o efeito será recíproco e a gibiteca terminará dinamizando a biblioteca, abrindo-a a novas paisagens culturais que favorecem a inclusão social e cultural dos jovens.

Espaço multimídia: por último, é necessário mencionar a oportunidade que a gibiteca oferece como campo de testes para um modelo de biblioteca em que a inter-relação entre meios seja total. Entre as publicações impressas, os quadrinhos talvez sejam aquela que mais rápido e de maneira mais criativa sabe aproveitar o meio digital

para ampliar horizontes, sem fechar-se por isso a nenhum dos âmbitos em que se desenvolve. Como exemplo para esclarecer essa ideia, e reposicioná-la em relação à distribuição do espaço, a inovadora obra *Body World*, do jovem autor norte-americano Dash Shaw, que nasceu – como tantas outras – na internet e posteriormente conheceu sua versão impressa para tomar corpo como objeto artístico. O fetiche estético que a encadernação e a disposição das ilustrações – ao menos em sua edição norte-americana – nos propõem, vem tornar tangível a volátil experiência de ler em tela, complementando-a e ampliando-a. Por isso, será interessante dispor de um terminal ou computador para ter acesso, ler ou baixar quadrinhos digitais, bem como seleções de *links* para blogs, fóruns, revistas online e *websites* de destaque sobre a matéria, ou para treinar com *software* gratuito destinado à elaboração de quadrinhos – por exemplo: *Comic life*, criador de *Comic book*, *software Comic strip*, *Cartoon drawing software for kids...* Da mesma forma, deve-se prestar atenção a como se desenvolve tudo o que se refere ao livro eletrônico, pois as grandes editoras de quadrinhos já estão editando

para este meio e algumas séries de gêneros de grande tiragem como os super-heróis ou o mangá mais comercial, são especialmente suscetíveis de serem publicados diretamente em sua versão eletrônica. Por fim, trata-se de levar o mais longe possível a convivência entre diversos suportes em um mesmo espaço, não tanto por aplicar o conceito de biblioteca integrada, como por oferecer uma experiência total ao usuário em suas diferentes facetas de leitor, espectador, internauta e eventual criador.

MOBILIÁRIO

Tanto se optamos por um modelo separado ou por um integrado com a narrativa, existem mobiliários adaptáveis às necessidades de cada centro. Obviamente, o maior inconveniente do integrado será a disparidade de formatos e encadernações que tornarão incômoda sua colocação nas prateleiras das estantes clássicas. Caso contrário, se decidimos criar um espaço próprio, seja em estantes ou com mobiliário projetado especialmente, cabem várias possibilidades. Em todo o caso, seja qual for a escolha, é aconselhável sempre aproveitar a estupenda propaganda que nos oferecem os próprios quadrinhos.

Dispô-los de maneira que suas capas fiquem à vista é uma solução que nos assegura uma diferença decorativa que identifica univocamente o espaço.

Se por razões de orçamento ou de superfície disponível nos vemos forçados a usar as clássicas estantes, também cabem modificações que nos ajudarão a superar os inconvenientes que a disparidade de formatos apresenta. A seguir são detalhadas três tipologias básicas de mobiliário que contemplam as variáveis descritas até o momento:

Prateleiras com separações móveis:

a típica estante, mas com as prateleiras compartimentadas de maneira que possamos distribuir os quadinhos segundo seus tamanhos: O mangá (17 x 12 cm em sua medida mais padrão), o típico formato de álbum europeu (32 x 24 cm), o *comic-book* (26 x 17 cm, caderninhos com a lombada grampeada que unem, à fragilidade de sua encadernação, o quanto facilmente se deformam quando ordenados verticalmente) ou as recopilações de



**Bibliotecas das Escolas do Futuro
Dalila Galli [São Carlos/SP]**

A partir da experiência com palestras sobre mangá, que teve ótima aceitação da comunidade, essa atividade foi introduzida em todas as bibliotecas das Escolas do Futuro da cidade.

quadrinhos de jornais de forma retangular (24 x 34 cm). Inevitavelmente, esse tipo de mobiliário é tão condicionado pelo tamanho e pela encadernação, que a organização dos acervos terá de adaptar-se de alguma maneira para que prime pelo formato. Neste caso, a recomendação de aproveitar o atrativo das capas fica fora de jogo, a não ser que seja reservada pelo menos uma estante – de novidades ou centro de interesse – para localizá-los, mostrando-os de frente, perderemos este fácil e eficaz chamariz.

Módulos que combinam a ordenação vertical com uma parte de exposição: existem no mercado vários modelos de estantes que combinam a ordenação vertical dos acervos empilhados de maneira convencional com outras prateleiras dispostas para se colocar determinados exemplares de maneira que suas capas fiquem expostas. Nessa parte – preferencialmente na área superior e mais visível das estantes – cabe a localização de novidades editoriais e de obras que sejam atuais por qualquer razão – por exemplo, homenagens, centros de interesse, títulos premiados, falecimento de um autor ou quadrinhos

adaptados recentemente para o cinema, entre outros.

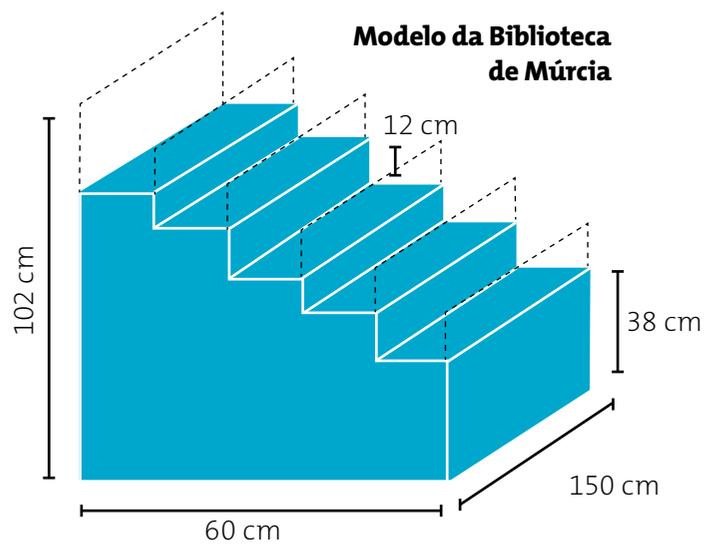
Módulos escalonados de madeira e metacrilato: esse tipo de mobiliário se baseia no modelo projetado para a Gibiteca da Biblioteca Regional de Múrcia, na **Espanha**.¹ Trata-se de módulos escalonados em quatro desníveis com frontais de metacrilato em cada um, o que permite, como já se colocou, dispor a seção aproveitando o cromatismo que trazem as chamativas capas. Esses módulos podem ser acoplados pela parte posterior, formando pirâmides escalonadas, em que os quadrinhos se ordenam com facilidade, e solucionam o problema de sua disparidade de formatos ao permitir agrupá-los segundo nossos interesses. Esse modelo, adaptado em muitas áreas dessas características inauguradas recentemente em bibliotecas espanholas, pode parecer a opção mais custosa ao pressupor sua fabricação por encomenda, entretanto, dada a simplicidade dos materiais e de sua estrutura pode ser fabricado por qualquer oficina local. Suas medidas e capacidade são detalhadas no Gráfico 1 como simples dados de orientação, mas obviamente podem se adaptar segundo a superfície disponível em cada centro.

1. Pode ser visto um álbum fotográfico da Gibiteca da Biblioteca Regional de Múrcia no site: <http://picasaweb.google.com/brmurcia/FotosComiteca>.

Os módulos podem abrigar entre 150 e 200 exemplares – dependendo, logicamente, de sua espessura –, e equivale a 7,5 metros lineares de estantes convencionais. No caso de optar-se por este modelo, aconselha-se a simplicidade de linhas e cores, potencializando, assim, o próprio quadrinho como elemento decorativo, cujas capas são vistas graças à transparência do metacrilato.

SINALIZAÇÃO E DECORAÇÃO

Continuando com os argumentos defendidos até o momento, na hora de potencializar e dinamizar um espaço dedicado aos quadrinhos é óbvio que a sinalização e a decoração se revestem de especial importância. A riqueza gráfica dos quadrinhos, as convenções de sua linguagem, estilos e personagens mais característicos oferecem mil oportunidades. Um erro em que se pode incorrer ao explorar a abundância de imagens da nona arte é infantilizar a decoração abusando em sua dependência de leituras dirigidas exclusivamente à crianças e excluindo de imediato jovens e possíveis adultos que pudessem sentir curiosidade pelos novos enfoques que revalorizaram a arte sequencial. Se buscamos captar a atenção da juventude, tão imersa na cultura da



imagem, a potência visual dos quadrinhos joga a nosso favor, mas sempre com foco em colocações mais adultas.

Os concorridos balões de fala, as onomatopeias, as linhas cinéticas e, por fim, o sugestivo arsenal de recursos expressivos dos quadrinhos são facilmente adaptáveis como cartazes, rotulação ou sinalização do espaço. Se a isso acrescentarmos que podemos juntá-los, sem grande esforço, a toda uma tradição da arte pop – de Roy Lichtenstein a Andy Warhol, Jean-Michel Basquiat, Keith Haring ou os grafites –, e com uma série de movimentos contraculturais, musicais e artísticos em que se baseiam muitos dos produtos que os jovens consomem, pode-

mos concluir que as opções para decorar essa seção sem incorrer em infantilismos são variadas.

Continuando com essa personalização visual do espaço, é possível aproveitar a proximidade geográfica aconselhada com a seção de audiovisuais e converter em outro elemento de decoração, uma tela posicionada em um local de destaque – pendurando do teto ou em um suporte que a eleve – em que se emitam ininterruptamente imagens sem som: fragmentos de *animes*, capas escaneadas de novidades junto a breves resenhas, curtas animados baseados em quadrinhos ou os trailers cada vez mais habituais com que as editoras ou autores anunciam a publicação de suas obras na rede, independentemente de que elas venham à luz em formato digital ou impresso – sirva de novo o exemplo anterior, *Body World* de Dash Shaw que conta com seu próprio trailer no Youtube. Trata-se de tirar vantagens dessa cultura audiovisual que tudo impregna e estender a ideia de um ‘canal’ próprio de televisão nas salas da biblioteca, para que sirva como elemento decorativo e também informativo. Dessa maneira, a experiência total do usuário como leitor, espectador e internauta se dará em um simples passeio por nossa sala, aumentando exponencialmente o efeito propaganda.

A COLEÇÃO

CRITÉRIOS DE SELEÇÃO

Se partimos de um conhecimento prévio de nossos usuários, poderemos intuir interesses que nossa oferta possa satisfazer. Por isso, este item vai se concentrar em sugestões que busquem tornar nossa coleção o mais amortizável possível por diversos pontos de vista:

Do prisma da perduração da coleção a aposta é clara a favor da encadernação em cartonado. O auge do romance gráfico (romances adaptados aos quadrinhos) está fazendo que o cartonado se estenda como encadernação para todo tipo de gêneros, por esse prurido de respeitabilidade que outorga a semelhança com a narrativa. Resistem o mangá mais comercial e o gênero de super-heróis, mas mesmo neste último caso estão se impondo as edições em volumes de séries previamente publicadas em formato *comic-book*.

Na hora de iniciar a aquisição de um título em vários volumes devemos considerar a duração da série e o custo para assegurar sua manutenção. Nada pode afetar mais a assiduidade de nossos visitantes do que não poder continuar suas sagas favoritas. Especialmente no

caso do mangá, deve-se tomar em especial consideração esses pontos dada a extensão de suas séries.

- Na escolha de títulos, deve-se procurar ter a maior gama de gêneros, estilos e temáticas. Indubitavelmente devem estar presentes os super-heróis, o mangá, aventuras, clássicos, humor... Mas não podemos esquecer que os quadrinhos há muito se tornaram adultos e ainda que, em princípio, dirijamos nossos objetivos a captar leitores jovens, os quadrinhos ou o romance gráfico – tão contemporâneo –, abarca todo tipo de temáticas para os mais velhos – relações de casal e família, temas sociais, crônicas jornalísticas, assuntos de palpitante atualidade etc. Graças a eles, além de nos permitir ser mais ambiciosos em nossos alvos e nos dirigir também ao leitor adulto, poderemos salvar esse vazio que faz com que tantas crianças ao crescer não cheguem a ser leitores por não encontrar títulos que lhes seduzam como o lazer audiovisual e que os acompanhem em seu desenvolvimento pessoal e intelectual.
- É importante reservar um item para obras teóricas e práticas sobre os

quadrinhos, que sirvam para sustentar o aprendizado de novos talentos interessados em imitar seus autores favoritos. Não devemos esquecer que com os quadrinhos nos encontramos em um âmbito de ação cultural incipiente – apesar de seu longo percurso –, com um território de leitura e formação até agora desaproveitado, de que a biblioteca pode se transformar em um complemento aos três agentes ativos do setor: autores, fãs e editoras. Complementar para os autores por tornar conhecida a sua obra, por proporcionar-lhes materiais de trabalho – o acervo de publicações sobre quadrinhos; complementar para os editores por ajudar a propagar o hobby em todo o tipo de público; e um complemento óbvio para os fãs por permitir-lhes decidir que títulos engrassarão suas gibitecas privadas.

- É bom remarcar a obrigatória presença do mangá mais comercial em nossa coleção se quisermos captar rapidamente a atenção dos jovens. Aqui será impossível abarcar todas as tendências desse gênero, mas esperamos que ao menos esses quatro subgêneros sirvam de maior demanda para orientar a seleção:

- *Shonen*: para meninos adolescentes, temáticas de ação e aventuras;
- *Shojo*: para meninas adolescentes, tramas românticas, costumbrismo;
- *Kodomo*: para leitores infantis, humor, aventuras, contos...
- *Gekiga*: temáticas adultas, equivalente ao conceito ocidental de romance gráfico.

ORGANIZAÇÃO

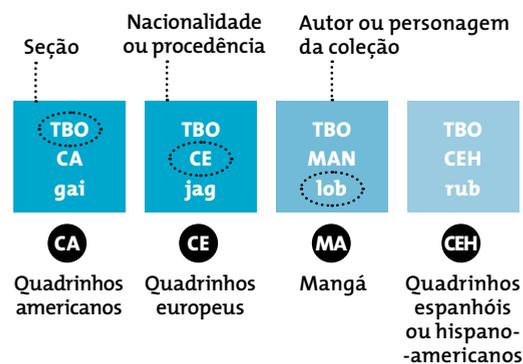
Se nas últimas décadas a organização e distribuição de espaços nas bibliotecas estiveram mirando diretamente as práticas comerciais e de mercado das grandes superfícies, no caso dos quadrinhos essa influência se nota ainda com maior força. Observando como as livrarias especializadas distribuem sua oferta de títulos, pode-se detectar rapidamente quais são os critérios na hora de fisgar a atenção do cliente.

Apesar da classificação por gêneros não ser uma organização de acervos alheia às soluções que algumas bibliotecas adotam com a narrativa, no caso dos quadrinhos caberia considerá-la como mais apropriada para a coleção infantil do que para uma gibiteca orientada a um público juvenil-adulto. É aconselhável o agrupamento por gêneros no catálogo, mas não há necessidade de haver uma correlação com a ordenação física. Nesse sentido, atendo-nos às convenções ao redor dos quadrinhos, a

procedência geográfica é um traço apreciável entre os fãs e que serve também para situar facilmente aos que queiram iniciar-se em sua leitura. Se recorremos ao lugar comum, existe certa identificação entre os quadrinhos norte-americanos e os super-heróis ou entre o mangá e a ação mais violenta; mas, felizmente, a permeabilidade entre gêneros, procedências, estilos e linguagens é cada vez mais intensa e quem se interessa por uma leitura sem preconceitos descobrirá que há, e houve, quadrinhos de todo o gênero, seja qual for a latitude em que se publique.

Basicamente, a proposta de organização por procedência se baseia em quatro grandes grupos, aos quais são atribuídas cores que facilitam sua identificação e ajudam na construção da simplicidade que deve primar na ordem e disposição dos acervos (Gráfico 2).

FORMATO DE IDENTIFICAÇÃO DOS QUADRINHOS



Uma vez agrupados por procedência – e aqui, segundo critério do profissional, cabe considerar tanto a procedência dos autores, como a da edição original –, ainda se pode tentar uma subclassificação no caso de coleções suficientemente grandes. Esta subclassificação também se inspira em certas convenções tácitas existentes entre os fãs, segundo as quais se diferencia entre quadrinhos de autor ou de gênero – apesar de que aqui para não confundir terminologia, convençionamos denominá-lo quadrinhos de personagem/coleção. Qualquer pessoa pode entender o que defende esta nova hierarquização se opusermos um título como *Maus* de Art Spiegelman ou *Persépolis* de Marjane Satrapi – protótipos dos quadrinhos de autor por excelência –, com séries como *Blueberry* ou *Naruto*. O conceito fica claramente delimitado, mas inevitavelmente a prática colocará dúvidas na hora de localizar mais de um título em uma categoria ou outra; mas, ante esses casos, nosso interesse organizacional deve ser primordial, sobretudo visando a facilidade para que os usuários os localizem. Por exemplo, podemos decidir que toda obra em mais de cinco volumes será considerada quadrinhos de personagem/coleção – nem sempre é fácil saber, ao adquirir o primeiro tomo,

quantos completarão uma coleção, mas costuma-se conseguir esse dado com um pouco de pesquisa em páginas especializadas na Internet. Por fim, fechando essa estrutura organizacional, cabe uma nova hierarquização dentro dos quadrinhos norte-americanos, que seria a própria dos super-heróis, com a qual não rompemos o critério de procedência que seguimos, mas introduzimos uma anotação de gênero que ajuda a racionalizar ainda mais a ordenação.

As soluções até aqui propostas facilitarão localizar rapidamente os acervos, bem como preservar a ordem da coleção. Sobretudo se optamos por um mobiliário que nos permita ordenar as capas como carta de apresentação, essa forma de organizar os exemplares correrá paralela a uma perda de importância da etiqueta de identificação, que será praticamente substituída por uma etiqueta em um canto da capa. Nessas etiquetas se realiza a ordenação graças ao contraste entre cores e formas da seguinte maneira:

Etiquetas circulares com o fundo da cor correspondente – vermelho, azul, amarelo, laranja – com a inicial do terceiro elemento da identificação em preto, para títulos classificados como de personagem/coleção;

- Etiquetas circulares com a inicial do terceiro elemento da identificação na cor correspondente e o fundo branco, para títulos classificados como de autor;
- Etiquetas quadradas de fundo vermelho para super-heróis, com a inicial do personagem principal em preto.

Exemplo: segundo o exposto e retomando os títulos anteriormente citados, a etiqueta correspondente a *Maus* de Art Spiegelman – considerando quadrinhos de autor, de procedência norte-americana com identificação: TBO CA spi – seria circular com o fundo branco e a primeira letra do sobrenome do autor, ‘S’, em vermelho. A etiqueta que corresponderia a *Blueberry* – quadrinhos de personagem/coleção, de procedência europeia com identificação: TBO CE blu –, seria circular com o fundo azul e a ‘B’ de *Blueberry* em negrito.

Não é preciso dizer que cada centro saberá adaptar ou acordar a maneira de organizar que melhor convenha a seus interesses. Apesar do critério da procedência ser muito útil, seja qual for o tamanho da coleção, não há porque exigir para coleções pequenas ou médias

que não requeiram pautas extras que reforcem seu manuseio subclassificar por autor/personagem/coleção; mas, sim, interessa manter a de super-heróis por ser um gênero com uma demanda muito concreta, assim como a do mangá.

Para terminar, devemos insistir em que diante das dúvidas de localização de um título por procedência sempre poderemos recorrer ao país da edição ocidental ou, se for necessário, abrir uma quinta categoria que acolha latitudes não integráveis em nenhum dos quatro grupos anteriormente descritos, como pode ser o caso de obras da israelense Rutu Modan, da libanesa Zeina Abirached, da marfinense Marguerite Abouet e de outros artistas que conseguiram ultrapassar fronteiras de países sem grande tradição de quadrinhos, demonstrando a capacidade da nona arte para abrigar novos discursos criativos.

PROCESSO TÉCNICO

O escasso apreço ao potencial dos quadrinhos que até agora as bibliotecas tiveram também persiste ao serem reconhecidas certas peculiaridades na hora de integrá-los aos seus catálogos. Seu caráter entre monografia e publicação seriada provocou dúvidas, que fizeram com que seu tratamento técnico padeça

de falta de uniformidade. Seguindo o raciocínio anteriormente exposto, de que um leitor escolhe em suas buscas os livros ou as revistas segundo seu interesse, é igualmente compreensível que ao buscar em um catálogo prefira identificar rapidamente se uma obra é em quadrinhos. Por isso, a seguir são esquematizados três práticas seguidas nos catálogos de algumas bibliotecas – com base nas pautas definidas no International Standard Bibliographic Description (ISBD) e no formato **MARC2** – remetendo a reflexões como as desenvolvidas por Jesús Castillo Vidal sobre a catalogação de quadrinhos para quem desejar aprofundar-se no assunto:

- Utilização do título uniforme – etiquetas 130-240 conforme aplicável – como uma maneira de unificar coleções;
- Interpolação da palavra quadrinhos como subtítulo no subcampo \$b da etiqueta 245 como uma maneira rápida e simples de informar o usuário. Outra opção é a utilização do \$b da etiqueta 300 para incluí-lo como um elemento a mais de descrição física;
- Uso da etiqueta 655 – gênero/forma – para classificar por procedência e por gêneros conforme uma listagem preestabelecida.

VALORES AGREGADOS

Segundo Lozano (2006, p. 290), “para poder fidelizar clientes é necessário sempre acrescentar algo além do esperado, um valor, um agregado ao serviço capaz de surpreender o cliente e que possamos ainda assumir com nossos recursos”. No caso da gibiteca, esses valores agregados já foram esboçados em algumas das soluções adotadas até o momento, mas podem ser ampliados e concretizados se nos propusermos a abarcar tudo que se refere à ilustração. Cabe anotar que algumas gibitecas já o fizeram, e diante da difusa fronteira conceitual que separa, em muitos casos, o que é quadrinhos de uma tira de jornal ou de um romance em imagens – como no caso de autores como Edward Gorey, Frans Masereel, Lynd Ward, Max Ernst ou Shaun Tan –, optaram por incluir sob a denominação de gibiteca obras em geral sobre ilustração, afrontando a coleção como uma área especializada na imagem impressa em geral. Dessa forma, é bom ressaltar que cada vez mais os estudantes de Belas Artes recorrem aos quadrinhos como opção para expressar seu discurso artístico e as artes plásticas, que desde sempre se interessaram por eles, agora renovam a aproximação com cruzamentos interdisciplinares entre diferentes linguagens criativas.

2. Registro catalográfico legível por máquina.

3. Para ampliar as informações sobre esse tema, pode-se consultar o artigo de Carme Fenoll Clarabuc, diretora da Biblioteca de Palafrugell, intitulado Arteca. El arte llega a la biblioteca, que está disponível em: <www.alonsoquijano.org/mibiblioteca/contenido/sites/default/files/Arteca%20MB20.pdf>.

4. Cantora, atriz e empresária nascida no México, mas radicada na Espanha desde muito jovem, cujo nome real é Olvido Gara e é integrante do grupo musical espanhol Fangoria.

Isso irá supor um acréscimo aos processos de organização da coleção que permita distinguir esses acervos ou idealizar critérios comuns que os aglutinem, como uma cor nas etiquetas que os identifique. A ordenação pode ser feita nas estantes clássicas já que se tratará de tomos que não encontrarão acomodação fácil nos módulos projetados para os quadrinhos.

Por outro lado não é aconselhável remeter-se aos critérios de classificação e ordenação aplicáveis aos quadrinhos, e, pelo contrário, pode, sim, ser útil recorrer à exposição em centros de interesse regidos por aqueles aspectos que se queira ressaltar.

Além das questões puramente logísticas, os quadrinhos também nos concederão novas fórmulas para identificar o espaço através da decoração – a coleção *Illustration Now!* da editora Taschen pode ser um filão inspirador neste sentido –, para incorporá-lo à seção de arte em geral e para continuar a ramificar a oferta abrindo-a a novas propostas.

Diretamente relacionado com a distribuição e decoração da área e com esse caráter de espaço polivalente que antes se mencionou, cabe a possibilidade de habilitar algum painel em que autores locais possam expor suas obras, aproveitando a oportunidade para fazer-se conhecer e,

por sua vez, garantir que se renove de maneira constante a decoração da seção. Neste sentido, vale citar de modo anedótico uma iniciativa tão original como a desenvolvida pela biblioteca pública de Palafrugell, em Girona, na Espanha, convertida em serviço de entrega de obras de arte em domicílio durante 30 dias, cedidas por seus **autores**³, como exemplo de imaginação na hora de obter valores agregados para o serviço das bibliotecas.

Por fim, trata-se de planejar, organizar e implementar medidas que impulsionem e renovem o serviço e que o desenvolvam de maneira ambiciosa apoiando-se em certezas como as que o pintor espanhol Luis Gordillo, vencedor do Prêmio Velázquez de Artes Plásticas em 2007, referenda quando escreve: “Os quadrinhos estiveram presentes na cultura e especialmente nas artes plásticas do século XX e há alguns anos adquire dimensões impensadas em outros tempos de diversidade, complexidade, compromisso e beleza” (AUTOR, 2010, p. 10). Palavras que a artista pop **Alaska**⁴ complementa na mesma publicação ao afirmar que: “uma história contada em vinhetas requer as mesmas doses de talento que outra narrada em linhas seguidas [...], e os artistas que ilustram o roteiro não são menos que os que penduram sua obra em galerias de arte” (AUTOR, 2010, p. 12)

referências bibliográficas

Biblioteca Regional de Murcia (2010).

Brújula para tebeos. Terapias de choque desde la Comicteca. [FUNES, Vicente. *Brújula para tebeos. Terapias de choque desde la Comicteca*. Murcia: Biblioteca Regional de Murcia, 2010.]

CASTÍLLO VIDA, Jesús. *Aproximación a las características documentales del cómic para su catalogación en bibliotecas*. ANO. Disponível em: <www.absysnet.com/recursos/comics/esp3aproxi.html>.

DOMÍNGUEZ SANJURJO, María Ramona. *Nuevas formas de organización y servicios de la biblioteca pública*. Gijón: Ediciones Trea, 1996.

LOZANO DÍAZ, Roser. *La biblioteca pública del siglo XXI: atendiendo clientes, movilizandando personas*. Gijón: Ediciones Trea, 2006.

VICENTE FUNES

É formado em Biblioteconomia e Documentação e bacharel em Documentação pela Universidade de Murcia. Desenvolveu seu trabalho profissional na Rede de bibliotecas públicas municipais da Prefeitura de Murcia e desde o ano de 2000 trabalha como Técnico Especializado na Biblioteca Regional de Murcia. Entre as diversas obrigações que tem na instituição está a coordenação do serviço de Quadrinhoteca, que desde sua inauguração, em 2003, converteu-se em uma referência para a gestão desse tipo de serviços. Também colabora em diversos meios como crítico de quadrinhos e ministra cursos sobre história e linguagem dos quadrinhos e sua relação com o mundo bibliotecário.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Geraldo Alckmin

Governador do Estado

Marcelo Mattos Araujo

Secretário da Cultura do Estado de São Paulo

Adriana Cybele Ferrari

Coordenadora da Unidade de Bibliotecas e Leitura

SP LEITURAS - ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE BIBLIOTECAS E LEITURA

Conselho de administração

Marino Lobello – Presidente
Maria Eugenia Malagodi - Vice-presidente
Carlos Wendel Magalhães
Dennis Aurélio Giacometti
Flavio Mendes Bitelman
João Conde
Marisa Barros de Moura
Ottaviano Carlo De Fiore
Pedro Bandeira
Ruth Rocha

Diretor executivo

Pierre André Ruprecht

Diretor administrativo-financeiro

Armando Antongini

Gerente administrativo-financeiro

Silmara Novo

Gerente de Comunicação

Leonel Prata

Gerente de Projetos

Marcos Kirst

Gerente de RH

Vanessa Genesi

Gerente de TI

Marcos Coelho

Diretora de Biblioteca

Sueli Marcondes Motta

The logo for SP Leituras features a stylized red and white icon resembling an open book or a pair of lips, positioned to the left of the text. The text "SP Leituras" is in a bold, sans-serif font, with "SP" in a smaller size. Below it, "Organização Social de Cultura" is written in a smaller, lighter font.

SP Leituras
Organização Social de Cultura



GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO
Secretaria da Cultura